

OS INDÍGENAS ENQUANTO PROTAGONISTAS DA COLONIZAÇÃO? REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA DIVERSIDADE

Autor: José Evanilson de Freitas Lima¹

Orientadora: Me: Aparecida Barbosa da Silva²

O processo de colonização do território, o qual atualmente corresponde por Brasil e América foi marcado pelo impacto do encontro de dois mundos distintos. Tínhamos de um lado os nativos e do outro os europeus. Sendo assim, no período inicial da colonização tivemos o processo de dominação dos indígenas, que nos foi narrado e mexe com nosso imaginário a partir da superioridade do homem branco que em pouco tempo conseguiu dominar todos esses povos. Neste sentido, esse artigo visa analisar, segundo novas pesquisas, o processo de colonização a partir da visão dos nativos, e quais elementos desses estudos podemos levar para nossas aulas no ensino de história, a fim de darmos visibilidade ao ensino indígena no currículo de história. Para estruturação de nosso texto optamos metodologicamente partir de referenciais bibliográficos, problematizando como que esses estudos se tornam essencial em uma aula de história que prioriza a inclusão e a diversidade. Desta forma, somos guiados pelos estudos de Almeida (2010), que aborda as produções historiográfica em torno da temática indígena, junto com Raminelle (2009), a qual discute a relevância das alianças dos nativos com os conquistadores, além do Restall (2011), que apresenta alguns mitos das conquistas espanholas.

Palavras-chaves: Colonização; Ensino de História; Diversidade.

-
- 1 Graduando em história pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e bolsista do programa de monitoria, no componente curricular História do Brasil I. Email: evanilson.freitas@hotmail
 - 2 Graduada e Mestra em História pela UFCG. Professora de História-PMP; professora substituta da UAHis/UEPB.

INTRODUÇÃO

A história do povo indígena é marcado pelo impacto da conquista entre os dois mundos: do vencedor e do vencido. É neste sentido que esse artigo visa discutir as novas possibilidades de discutir o ensino de história a partir do olhar do vencido e não apenas do vencedor.

Metologicamente partimos de uma revisão de referências bibliográficos com autores que discutem a temática indígena e suas novas abordagens. Para uma melhor compreensão, ao optarmos pela inclusão e diversidade no currículo de história, devemos priorizar pelos estudos que não apenas ponham em evidência as pesquisas do vencedor, mas também dar voz aos silenciados da história, numa perspectiva de darmos evidência a diversidade no currículo do ensino de história.

Para melhor estruturação do nosso texto dividimos em quatro momentos: no primeiro momento fazemos uma breve contextualização do continente antes da conquista; no segundo momento detalhamos alguns estudos que envolve a temática indígena. Nessa etapa, buscamos abordar algumas pesquisas em torno da temática; no terceiro momento é discutido a presença do índio na colonização da América Portuguesa; no quarto momento discutimos a colonização da América Espanhola; por fim, encerramos nosso artigo com as considerações finais a respeito do texto.

A AMÉRICA ANTES DE COLOMBO

Ao estudarmos a temática indígena é necessário sabermos o contexto do atual continente americano antes da chegada dos europeus. Por muito tempo, tivemos uma visão

homogênea dos nativos. Entretanto, eles se diferiam em diversos aspectos, ou seja, os indígenas eram heterogêneos, cada localidade possuía suas nuances culturais.

Segundo os estudos de Peregalli (1994), quando os europeus chegaram à América em 1492, vários povos encontravam-se em diversos estágios de desenvolvimento. Tínhamos diversas civilizações e grupos que habitavam o continente. Dentro desses grupos, alguns povos se destacaram pela grandiosidade de seus impérios. São eles: os Incas, Astecas e Maias.

Partindo das pesquisas de Schuwartz e Lockhart (2002), a fim de facilitar os estudos dos povos nativos, os autores dividem esses povos em três categorias: povos sedentários, semi-sedentários e não-sedentários.

Dentre os povos sedentários destacam-se os imperiais. Quem melhor define esse grupo são os habitantes da região central do México e dos Andes, destacamos entre eles os Incas e Astecas. A organização dessas sociedades estavam pautadas em cima da tributação dos impostos. Durante séculos esses povos viram grandes impérios surgirem e caírem. Porém, vale destacar que seus modos de vida se mantiveram intactos por séculos. A economia estava sustentada pela agricultura, onde a população recebia terra, junto com alguns procedimentos, como por exemplo, pagamentos de tributos e algumas tarefas públicas em termos de território. Havia uma unidade-aldeia que eram divididos em distritos, cada um com seu respectivo chefe. A rota dos tributos ocorria da seguinte maneira:

O plebeu entregava-os no prazo determinado a seu chefe; este, por sua vez, ao chefe da aldeia, que podia ter alguns assistentes na tarefa; eu líder da aldeia, por sua vez, passava-os ao governante ou rei da província, ou então ao contingente substancial de administradores e contadores deste último (SCHWARTZ e LOCKHART, 2002, p 61).

As obras públicas eram realizadas a partir de um sistema de rotação, ou seja, a cada período eram convocados pessoas para o trabalho de um certo distrito. Esse por sua vez após um tempo retirava-se e dava a vez a outro. Porém, existiam momentos em que as obras eram de um porte maior e todos eram chamados de uma única vez.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

Os autores evidenciam algo muito importante, que entre os povos sedentários, o conceito não apenas de governante, mas também de nobreza era existente, inclusive existiam diferenças nas vestimentas dos nobres e plebeus. Entretanto, tínhamos também sujeitos que nem eram nobres e nem plebeus. Essas pessoas eram artesões e comerciantes.

Vale salientar que dentro dos grupos dos povos sedentários imperiais, existiam também os não imperiais. Schwartz e Lockhart (2002), afirmam que, por razões que precisam de mais estudos, existiram alguns povos que não sequer passaram a fazer parte de Impérios gigantesco e fortes. Dois exemplos dessa categoria de povos, são os chibchas que estariam localizados na região que hoje corresponde a Colômbia, nos vales da cadeia oriental do norte dos Andes. Estima-se que a população chegava a um milhão de habitantes. A economia era baseada na agricultura, com a participação de homens e mulheres. Na sociedade existiam nobres, plebeus e governantes, que estavam submetidos a pagamentos de impostos.

O outro grupo que podemos citar são os arauaques. Estes habitavam a região do arquipélago de imensas ilhas do Caribe. Foram esses povos que tiveram o primeiro contato com os conquistadores. A economia estava também pautada na agricultura, com grande destaque para a plantação da mandioca.

Os povos semi-sedentários ocuparam grandes áreas do atual continente americano. Os grupos enquadrados nessa categoria tinham como característica estarem entre uma vida na agricultura e outra na caça, eles predominavam em locais como florestas. Possuíam aldeias, que serviam para a agricultura, além de serem conhecidos como guerreiros. Destacam-se por serem ricos culturalmente, além de possuírem uma tecnologia forte predominante dos imperiais, apesar de ter suas próprias peculiaridades, eles dividiam-se em grupos, a exemplo dos Tupi e Caraíba.

Um terceiro grupo de indígenas na América era os Não-Sedentários. Eles se destacavam pela sua eficiência nas guerras, e pela sua densidade populacional. A quantidade de habitantes era bem baixa; uma curiosidade é que se algum inimigo invadissem seus territórios passaria por uma carestia, se não levasse seus próprios suprimentos, pois eles não



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

possuíam um excedente. Os caçadores coletores viviam na região da América do Sul, que hoje correspondem pela Argentina e Uruguai, além da costa do Chile e Norte do Atual México.

A partir dos estudos de Schwartz e Lockhart (2002), percebemos que a partir dessas três categorias, os povos nativos não eram homogêneos, ou seja, existia uma imensa quantidade de indígenas que possuíam suas próprias formas de viver, tradições e governo. Neste sentido, eles se constituíam enquanto povos heterogêneos e que devem ser estudados a partir de suas especificidades.

UM BREVE RELATO DOS ESTUDOS QUE ENVOLVEM A TEMÁTICA INDÍGENA

Suponhamos a realização de entrevistas com algumas pessoas a respeito do personagem indígena na história da colonização da América. As leituras que já consultamos indicam que as respostas serão semelhantes. Muitos relatarão que os nativos sempre foram passivos ao processo de dominação por parte dos europeus que os subjugaram. Isso ocorre devido a imagem do nativo ter sido propagada com estereótipos por anos no ensino de história.

O ensino de história atualmente está envolvido por diversos fatores e metodologias para serem executadas em sala de aula. A partir dessas metodologias, nós pretendemos abordar a participação dos indígenas como agentes de sua própria história. Hoje diante de novas fontes e correntes teóricas, temos que perceber a presença do nativo como primordial na História do Brasil.

A participação dos povos indígenas no processo de colonização da América foi decisiva, seja atuando em várias condições mesmo que aliados ou inimigos dos europeus, destacando-se em diversos papéis nas construções das sociedades colônias e pós coloniais. Por muito tempo tivemos a representação de um índio passivo que apenas está inserido no processo de conquista como sujeitos figurantes em meio a atuação dos europeus. É neste

sentido que buscamos a partir de referências bibliográficas enriquecedoras de novas pesquisas, refletir a temática indígena sob uma nova visão. Desta forma, tomamos essa reflexão com o objetivo de trabalharmos o processo de construção da história da América e do Brasil evidenciando o protagonismo do índio. Acreditamos que isso contribui para refletirmos sobre a diversidade e a inclusão.

Almeida (2010), em sua obra “Os Índios na História do Brasil”, começa indagando sobre a forma como os indígenas vêm sendo mostrados em nossa história. Sendo assim, a autora afirma que desde Varnhagen (1854), até meados do século XX, os índios de forma homogênea são demonstrados a partir de papéis secundário na história. Os seus modos de agir são guiados conforme os interesses dos europeus, sendo úteis apenas para determinadas tarefas. Com o avançar da colonização os mesmos deixam seus traços e absolvem a cultura do inimigo até que desapareçam da história.

Essa tese que por muito foi propagadora do desaparecimento dos índios após o processo de conquista, atualmente se confronta com novos estudos que vem apresentado dados novos e assim problematiza, essa visão deturpada dos povos indígenas. Essas novas pesquisas evidenciam que os índios estão presentes não apenas no primeiro século da conquista. Eles se fizeram presentes no mundo colonial entre os séculos XVI e XIX, em diversas partes da América Portuguesa, contrariando o silenciamento da escrita da História.

Neste sentido, Almeida (2010) apresenta uma nova indagação: como se explica o desaparecimento dos índios da História do Brasil? A resposta da autora é que a medida que os indígenas se integraram na sociedade colonial, os mesmos passaram por um processo de aculturação, ou seja, perdendo seus traços e assimilando a do conquistador, isso resultou na perda de sua própria identidade:

Assim, as relações de contatos com as sociedades envolvidas e os vários processos de mudança cultural vivenciados pelos grupos indígenas eram considerados simples relações de dominação impostas aos índios de tal forma que não restava nenhuma margem de manobra, a não ser a submissão passiva a um processo de mudanças culturais que levaria a serem assimilados e confundidos com a massa da população. (ALMEIDA, 2010, p 14).

O que temos por muito tempo propagado na historiografia tradicional presente há anos nos livros didáticos é o processo assimilacionista, ou seja, após o contato com o colonizador os índios passaram por um processo de aculturação, no qual os mesmos começaram a perder seus traços e absolveram os elementos culturais do europeu. O que vemos é que a medida que a colonização avançava o índio sumia da história. Esse tipo de abordagem teórica de uma história indígena passiva, antes possuía uma grande aceitação, época na qual os historiadores e antropólogos andavam afastados uns dos outros, nos seus campos de estudos isoladamente.

Os antropólogos tinham como preocupação os estudos em torno da cultura dos ditos “povos primitivos”, a qual era vista como pura e imutável, objeto este de investigação, residente na finalidade de compreendê-la como em suas nuances autênticas e originais. “Processos históricos de mudança por eles vividos não eram valorizados por pesquisadores interessados em desvendar a lógica e o funcionamento da cultura entendida de forma essencialista” (ALMEIDA, 2010, p 15). Os desdobramentos históricos não eram evidenciados por parte da antropologia.

A autora chama atenção ao lembrar quem em meados do século XX, algumas vezes já chamavam a atenção para a relevância de se considerar a trajetória histórica dos indígenas, a fim de compreender melhor sua cultura. Entretanto, os processos históricos de mudanças não eram tidos como algo preponderante para análises de seus estudos, mas sim como fator da perda de suas culturas.

Apesar de toda abordagem da história, por vários anos, o índio ganhou destaque apenas no processo inicial da colonização. O mesmo não havia sumido, ao contrário, ele sempre esteve presente no processo de construção da história, atuando enquanto sujeito em diversos ambientes. Além do desaparecimento dos outros momentos históricos, algo que também chamou a atenção foi a forma abordar os nativos como grupo homogêneo, deixando de lado suas singularidades e peculiaridades.

COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

O domínio do território da América Portuguesa não foi totalmente pacífico. Diversas regiões do continente foram ocupadas após batalhas violentas contra os nativos da região, soma-se a esses acontecimentos a presença de povos inimigos que lutavam ao lado dos conquistadores a fim de selarem alianças.

Almeida (2010) é firme ao mostrar que esse pensamento de um único povo habitando todo o continente foi disseminado a partir dos vários relatos limitados e preconceituosos, escritos por cronistas que não compreendiam bem as suas especificidades. Em todo o continente que hoje chamamos de América, existiam diversos povos distintos denominados de índios pelos europeus. Vale destacar que diversas tribos eram inimigas.

“Desde cedo, no entanto, os portugueses preocuparam-se em classificar os índios estabelecendo distinções entre eles” (ALMEIDA, 2010, p 31). Foi nesse sentido que os portugueses dividiram os nativos em dois grupos: os aliados dos portugueses de um lado e os inimigos de outra. Essa ação foi essencial para o processo de colonização.

Outro momento que marcou a história dos índios foi o processo catequização. Os jesuítas foram o grupo religioso responsável pela conversão. Sendo assim, eles adotaram o Plano das Aldeias, que tinha como objetivo catequizar e converter, através de medidas e rituais presentes na cultura indígena.

A presença indígena na América portuguesa pode ser verificada no campo cultural. Apesar da cultura do vencedor ser a que prevalecerá em certo sentido, isso não significou o fim das demais. A cultura dos nativos e africanos marcou e marca a história do Brasil, mesmo com todo o processo de repudição por parte dos europeus. Elas foram e são essências ao nosso país. Isso apenas demonstra como que a diversidade está presente no ensino e precisa ser discutida e contemplada pelos docentes em sua prática.

COLONIZAÇÃO ESPANHOLA

De acordo com os estudos de Raminelli (2009), uma das principais medidas para colonização da América foi a de realizar alianças com tribos indígenas contra os inimigos, foi seguindo essas ações que o conquistador conseguiu dominar grandes povos e civilizações, a exemplo dos Astecas conquistados pelos espanhóis.

Raminelli (2009), aborda que no processo de conquista do México, a velocidade dos cavalos e a potência da destruição das armas de fogo nem sempre garantiram a vitória aos primeiros desbravadores. Nesse cenário de conquista uma estratégia que vai chamar atenção será as tramas e alianças firmadas entre conquistadores e nobrezas indígenas. “Os cronistas descreveram com minúcias esses enlaces e comprovaram a eficácia das conversações iniciais entre os conquistadores e os senhores do novo mundo” (RAMINELLI, 2009, p 84). Como o autor destaca antes de travar batalhas pelas terras para realizar a conquista primeiramente recorria as palavras. É neste cenário que vai destacar o papel do intérprete no processo de dominação do Novo Mundo.

Restall (2006), em sua obra “Os Sete Mitos da Conquista Espanhola” aborda a importância dos interpretes no processo de conquista do atual território americano. Neste sentido, ele discorre sobre o papel de uma menina chamada de Malinche, interprete do Hernan Cortés. A mesma foi essencial no contato do colonizador com o nativo, sendo assim, vemos que a colonização não ocorre apenas a partir da força, mas também com o diálogo.

Diante de todo esse quadro de conquista da América, algo que nos provoca indagações é a respeito da rapidez que foi o processo de dominação do continente americano, com o número bem pequeno de homens perante os nativos. Em pouco espaço de tempo correspondente a uma única geração eles conseguiram subjugar uma população extensa de habitantes na América. Elliott (1997) salienta que é importante levarmos em conta a própria voz do conquistador que vai se sobressair e subjugar os dominados.

É diante desse quadro de conquista que o Elliott (1997), elenca várias estratégias que os europeus utilizaram para dominar a população nativa: umas delas é que o próprio

Raminelli aborda são as alianças realizadas com algumas tribos, a fim de conquistar aliados e depois jogar um povo contra o outro, ocasionando um enfraquecimento entre os grupos e fortalecendo os conquistadores; os cavalos foram decisivos, pois esses animais facilitaram o deslocamento dos dominadores sob o território; a superioridade tecnológica foi um trunfo diante as populações nativas; o contágio de doenças que os índios não estavam habituados dizimou parte da população indígena.

Como podemos perceber assim como nas terras da América Portuguesa, os indígenas também traçaram trajetórias no processo de conquista da América Espanhola. Sendo assim, vemos que os nativos não estão ausentes no processo de colonização, eles são também agentes de sua história.

Todos esses aspectos destacam a importância de evidenciarmos e estudarmos a história a partir do ponto de vista, do vencedor e vencido. Leva-nos a debatermos para promover a desconstrução de tais dicotomias no ensino de história, dando ênfase a diversidade, que pode ser vista a partir das pesquisas que marcam a pesquisa acadêmica e podem ser utilizadas no ensino de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem sabemos os temas que envolvem a história da conquista dos europeus são instigantes aos pesquisadores que, a partir dos seus estudos, apresentam-nos o processo da dominação dos nativos. Entretanto, por muitos anos o que nos foi propagado é que essa dominação apenas foi executada com sucesso graças à superioridade dos europeus sob os indígenas, como bem vemos o discurso do vencedor foi o que moveu toda a história dos primeiros anos da colonização, e foi propagado no ensino de história.

A partir de novos estudos, como bem aborda Almeida (2010), a temática indígena passou a ser abordada de novas maneiras, nas últimas produções do campo da história. A

partir delas percebemos o protagonismo dos nativos no processo de colonização da América. Neste sentido, nesse artigo, vimos que a partir do ensino de história, ao trabalharmos a diversidade, podemos levar no exercício docente a abordagem da diversidade e da inclusão. Essas novas pesquisas precisam ser debatidas no espaço da sala de aula, a fim de despertar o discente da função social de indivíduo.

Neste sentido, percebemos que a colonização do nosso continente não foi obra específica do grupo dos vencedores. Os vencidos tiveram suas contribuições, a qual é relegada, sendo deixado de lado. Com isso, é nítido que devemos resgatar a história dos excluídos. Os indígenas são exemplos de grupos que vivenciaram um processo de exclusão e que precisam ser estudados em sala de aula, com a finalidade de contemplarmos a diversidade.

Portanto, nosso texto priorizou evidenciar as novas produções que partem da análise de um perfil de índio presente na construção de sua história; sendo ativo e não passivo no processo de dominação europeia. As estratégias e táticas fizeram parte do processo de dominação das colônias espanholas, francesas, portuguesas e inglesas. Sendo assim, concluímos que na dinâmica do mundo colonial os nativos foram atuantes não apenas no processo inicial, mas sim durante toda a história de colonização, atuando como aliados, inimigos do “aliado”, atravessando anos e mais anos de dominação na condição de protagonistas, agentes de seus interesses.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, Editora FVG, 2010.

ELIOTT, John H, **A Conquista Espanhola e a Colonização da América**. In: Bethell, Leslie (ed.). História da América Latina, vol. 1: América Latina Colonial. São Paulo/Brasília: EDUSP/Fundação Alexandre de Gusmão, 1997.

PEREGALLI, Enrique. **A América que os Europeus Encontraram**. 13° ed. São Paulo: Editora Atual. 1994.

RAMINELLI, Ronald. **“Nobreza Indígena da Nova Espanha: alianças e conquistas”**. Tempo: Revista do Departamento de História da UFF, n 27, 2009.

RESTALL, Matthew. **As palavras perdidas de La Malinche: o mito na falha da comunicação**. In: _____ Sete Mitos da Conquista Espanhola (trad). Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2006.

SCHWARTZ, Stuart B, LOCKHART, James. **Os Modos Indígenas** In: _____ A América Latina na Época Colonial; tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

